

O paço da Alcaçova e

CMP 2.1.10.6

o paço d' Afai São Martinho

Lisboa

Julga o Snr. Visconde de Castilho que o famoso Paço da Alcaçova, ou das Alcaçovas, não é, como em geral se crê, obra d'El-Rei D. Diniz; este seria o reformador, o reedificador, o notavel ampliador, da antiga habitação do moiro, frequentada por D. Affonso Henriques; mas que ella existia muito antes do seculo XIV é mais que demonstrado.

Verdade é que só de D. Diniz em diante se encontram nos livros memorias claras do Paço da Alcaçova; até então provavelmente deserto, desprezado pela vida elegante dos Reis, que habitavam de preferencia Coimbra, erguia viuvo os seus minaretes, e na penumbra dos salões desamparados e sonoros curtia saudade amarga da brilhante vida dos valis. Com a transferencia da Corte para Lisboa, mudaram as circumstancias. O pequenino Palacio de S. Bartholomeu pareceu mesquinho albergue ao phantasioso trovador; namorou-o a situação excepcional da Alcaçova, e ahí fez ninho de aguia o grande e magnifico fundador dos estudos geraes.

Que de festas não viram os salões da Alcaçova ! Descrevê-las todas, se acaso nos tivessem deixado apontamentos authenticos os seus contemporaneos, seria o mais admiravel estudo do viver sumptuario de outras eras, a mais preciosa galeria de quadros, que podiam correr os pintores, os poetas, os dramaturgos, os historiadores, os curiosos. Infelizmente só fragmentos de noticias restam entre os escombros das edades.

Que neste Paço residiu D. Diniz é já certissimo; encontra-se por toda a parte a tradição de obras consideraveis d'elle aqui. Era cavalleiro luxuoso e rasgado, alma de artista, cultor do bello; sem perigo de errar podemos comparar na architectura, no gosto, e nas alfaias, o Paço d'esse tempo ao que de

de Encyclopedie Portugaise de M. Lemos
artigo Alcobaça pag. 514

Palacio da Moura nova (Lisvoeira)
Nao se sabe quando nem por quem foi
fundado. bem como se ignora a pri-
meira applicação que teve e qual o motivo
por que veio a ser da coroa. D. Fernando
I residia ora no palacio das Alcagoas
ora neste onde falleceu.

Foi no palacio da Moura nova que o
nuestro D. Luiz depois de Joã I assas-
sionou com uma puntalada em
Dezembro de 1383 Joã Ferrnando Anselmo
ahante da rainha da Beorra Telly
e por influencia deste facto com
D. Diniz. Depois no reinado de D. Joã I
habitaram neste mesmo palacio
seus filhos, e a residencia real
passou a dar-se o nome de pa-
ços infantis e de paços de P. Martim.
No reinado de D. Manuel foram estes
paços transformados em Casa da Sup-
plicação e cadeia civil. Arruinados

Nova "Lendas e Narrativas" I - pag 78, 115 e 134

pelo terramoto de 1755 foram
reedificados pelo Desembargador
Pombal dando-lhes um plano
proprio para cada uma principal
da corte.

(Edifício em - El-Rey e a Simoes
uma portaria indigente que
se' mesmo em Lisboa)

Se não isto que
você quer saber
contas cebs!

Em mais adiante diz que A. Manuel reedificou
a cada uma do Simoes, o palacio da applicação
do civil junto a igreja de S. Martinho

Recado de tis Alhojudo

28/6/929

Handwritten notes on the right margin, partially obscured.

Handwritten notes on the right margin, partially obscured.

Abulo Suppo

mais primoroso se encontrava por então na Europa culta.

De um adorno artistico de subido preço resa a tradição; retratos de familia, com que o Rei Lavrador nobilitou a sua residencia. Foi o primeiro dos nossos monarchas que teve esta idéa, cujo exemplo seguiu seu filho D. Affonso IV, que não sómente se fez retratar, mas tambem mandou fazer os retratos dos Reis seus predecessores.

Essa galeria, que decorava os salões regios, não se sabe que fim teve. Inclinam-se os investigadores a que os Felippes a levassem.

Quando se chega aos dias d'El-Rei D. Fernando, continua o Paço da Alcaçova a interessar-nos. Vêem-se os seus salões illuminados a miudo, os seus jardins povoados de cortezãos e pagens, as suas avenidas em volta, as suas pontes levadiças, frequentadas de cavalgadas vistosas; e quem presta ouvidos, ouve, uma vez ou outra, por entre a monotonia dos capitulos das chronicas, ressoar a melodia de tiorbas, violões, e charamelas, nos sarãos da Côrte.

Por occasião da estada do Conde de Cambridge em Lisboa, e depois da recepção brilhante e cordeal que lhe fez D. Fernando, indo busca-lo a elle e á Condessa de Cambridge na praia da Ribeira, offerecendo o braço á sua graciosa hospeda, conduzindo-a a pé até á Cathedral, e d'ahi partindo todos a cavallo até ao Mosteiro de S. Domingos, onde os Condes se aposentaram, passados poucos dias deu El-Rei mais a Rainha D. Leonor Telles uma concorrida festa na Alcaçova, em honra dos recém-chegados. Assistiram todos os capitães da frota ingleza, as donas e donzellas da Côrte, e um sem numero de convidados. Houve sumptuoso jantar de apparatus, findo o qual entraram muitos pagens trazendo e offerecendo aos Condes de Cambridge, e aos outros grandes, mui-

Amela Supo

tos e variados mimos de panos de sirgo bordados a oiro, e joias ás senhoras.

Com a subida do monge-cavalleiro D. João, Mestre d'Aviz, ao throno de seus avoengos, reclamou o Paço da Alcaçova o importante papel que lhe cabia. Fez-lhe aquelle Soberano grandiosas obras; dil-o Herculano, seguindo a asserção de Ruy de Pina. Pelas palavras d'este chronista se rastreia até a data approximada d'essas obras; foram no verão de 1433. Achava-se El-Rei doentissimo em Alcochete, da doença que o levou; e determinou "que o levassem á cidade de Lisboa e o apoentassem dentro no seu castello, que entam mandava muyto ennobrecer, e assi se comprio".

Um pouco antes d'essas obras, porém, tinha havido neste mesmo Paço uma agradavel e apparatusa festa de familia, o casamento da Infanta D. Izabel, filha de D. João I, com o Embaixador especial e procurador do Duque de Borgonha, Philippe o Bom.

Á vinda d'essa embaixada liga-se uma tradicção interessante, que ainda vive no Paço de Cintra.

Conta-se que entre os mimos que trouxeram á Infanta, figurava um casal de cisnes brancos, muito mansos, muito domesticados, um verdadeiro appetite. A Infanta, já se vê, ficou morrendo por elles, e mandou-lhes pôr uma gorjeira, ou coleira, de veludo carmesim com campainhas de oiro. Entretinha-se muito em vê-los andar passeando aquellas gallas, todos emproados, ou ~~banha~~ ^{banh}ando-se nas aguas tremulas do tanque, mesmo por baixo da primeira janella do salão rutilando como neve ao sol, mergulhando, de azas meio abertas, e reaparecendo a procurar a dóna que os espreitava d'entre os columnel ^{os} semi-mouriscos do Paço. Era um encanto. E El-Rei D. João tambem ^{espreitara} a scena e achava uma graça immensa áquelles amores da noiva com as aves garbosissimas

Alcaçova

que eram o seu brinquedo. Depois, quando ella em 1430 partiu para Flandres, entendeu mandar pintar na tal sala, em vinte e sete paineis, vinte e sete cisnes, muito brancos, e quando ali entrava, lembrava-se dos cisnes da Infanta e falava nelles e nella, e parecia ouvi-la papear galanterias da janella para o tanque...

No Paço da Alcaçova falleceu em 1433 esse mesmo Rei D. João I.

Num terreiro, em frente, se celebrou a acclimação d'El-Rei D. Duarte no referido anno.

Lisboa toda se amotinou em 1541, com as admiraveis festividades do casamento da nossa Infanta D. Leonor, filha d'El-Rei D. Duarte, com o Imperador Frêderico III da Allemanha. Por muito tempo ecoou naquellas salas o rumor d'esse bulicio. O bizarro Affonso V, irmão da noiva saiu-se do caso como quem era.

O Paço de S. Christovam, que era onde é hoje o largo, entre a Rua do Regedor e o Beco da Atafona, presenceou uma parte da solemnidade da Côrte. As ruas e praças de Lisboa viram o resto, que vem extractado no Archivo Pittoresco.

Neste mesmo Paço nasceu, em 1455, El-Rei D. João II, e se reuniram em 1456 as Côrtes que o juraram herdeiro.

Tambem aqui nasceu o Principe D. Affonso, filho d'esse monarcha, ainda então Principe, em 1475.

Se nos dois reinados, de D. Affonso V e D. João II, houve acaso algumas obras nesta residencia real, conjecturemos que lhes não foi estranho o architecto e esculptor Martim Annes, mestre das obras reaes de Lisboa, e que em 1504 era já velhissimo.

Como se está vendo, todos os nossos Reis habitaram na Alcaçova, a que por isso Damião de Goes não duvida chamar

Alcaçova

até ao anno de 1500 "verdadeiro e proprio aposento dos reis d'estes regnos".

Dos bons tempos de El-Rei D.Manuel ha muitas menções historicas tambem referidas ao Paço da Alcaçova.

A Rainha D.Izabel, filha dos Reis catholicos Fernando e Izabel, casou com o nosso Rei em Outubro de 1497. Vieram para Evora onde se demoraram em lua de mel todo o mez de Novembro e parte de Dezembro. Como a nova Rainha já manifestava signaes de gravidez, partiram os noivos para Lisboa, visitando de caminho a Rainha viuva, D. Leonor, irmã d'El-Rei, que se achava residindo no Lavradio do Riba-Tejo. D'ahi embarcaram nas galeotas, e deslizando defronte de toda a cidade foram surgir no caes do Paço de Santos-o-Velho. D'esse Paço é que fizeram a sua entrada solemne em Lisboa, com poucas festas e recebimentos, observa o chronista, por causa da tristeza da Rainha, a quem fallecera seu irmão o Principe D.João; e foram aposentar-se definitivamente no Paço da Alcaçova.

Dois mezes andados, nas salas d'essa mesma residencia eram celebradas côrtes antes da saida d'El-Rei D.Manoel com sua mulher para Castella, a ser jurado herdeiro d'aquelle reino. Depois, partia El-Rei com a Rainha; e tendo tido a desgraça de lá ficar viuvo em Saragoça, tornou-se a Lisboa, onde ficou poisando temporariamente nas casas de Pero d'Alcaçova á Porta d'Alfofa, por a Infanta D.Beatriz sua mãe poisar naquelle tempo nos Paços da Alcaçova.

Continuou por alguns annos o Paço da Alcaçova a ser residencia d'El-Rei D.Manuel.

Depois de casar em Alcacer do Sal com a Rainha D. Maria sua segunda mulher em 1500, partiram os Soberanos para Lisboa; houve muitas festas, e foram levados desde a Ribeira, onde se

Amalalupo

realisou o desembarque, até a Sé, e d'ahi á Alcaçova, diz Damião de Goes.

No mesmo Paço, em 1502, nasceu o Principe, que depois foi D.João III. Estando ainda a Rainha D.Maria no seu leito, deu-se perante ella uma das scenas que mais elevada significação vieram a ter na historia litteraria de Portugal. Foi a recitação do monolo do Vaqueiro, por Gil Vicente.

Gil Vicente era uma especie de apaniguado e servidor, um truão com fóros de nobreza, artista na alma, grande leitor e amouco dos mysterios ou representações sacro-dramaticas da França, genio irrequieto e buliçoso, que em tudo se mettia, e que ora se encontrava a superintender nas armações de tablados e arcos para festejos reaes, ora a engenhar escabrosas trovas epigramaticas para fazer rir os cortezãos.

Com taes prendas de genio facil e alegre, não admira que na nossa Côrte bondosa houvesse Gil Vicente alcançado benevolencia e gazalhado.

Entrou pois o vaqueiro Gil, em todo o rigor do trajo de um saloio do termo, e declamou com o maior chiste e seu monologo em verso, entre os sorrisos benevolos das Pincezas e as gargalhadas d'El-Rei.

D'esta representação modesta e simples nasceu a protecção que ao talento dramatico do insigne troveiro, do extraordinario poeta, concedeu a bondosa Rainha viuva D.Leonor. D'ahi data pois o nascimento do theatro portuguez. Coube ao Paço da Alcaçova a ufanía de ter visto esses primeiros tentames da grande arte.

Em 1503, no verão, celebrou-se numa sala d'este mesmo Paço o juramento do pequenino Principe D.João. Festa luzida, a que allude o minucioso Damião de Goes. Logo em Outubro do mesmo anno de 1503 nascia aqui a Infanta D.Izabel, o que

Alcaçova

trouxe á Rainha muitos dias de enfermidade. Finalmente, em Dezembro de 1504, nasceu a Infanta D. Beatriz.

É por esse tempo o ultimo vestigio da vida da Côrte no Paço da Alcaçova.

Desamparado longos annos pelos Monarchas portuguezes, ahi habitou e falleceu em 1530 a infeliz Rainha D. Joanna, segunda mulher d'El Rei D. Affonso V, denominada a — Excellente Senhora.

Crê-se que entrava nesse venerando edificio alguma ruina, visto como em 1544 escreveu El-Rei D. João III á Camara de Lisboa avisando-a do perigo que ameaçava toda a costa do Paço do Castello; e depois ordenou El-Rei D. Sebastião á mesma Camara o reformasse. O mestre das obras reaes no tempo d'El-Rei D. João chamava-se Torralva; mais um nome para a galeria dos nossos artistas, ou naturaes ou domiciliarios.

Em 1571, habitava ahi D. Sebastião. É d'esse tempo uma descripção conhecida do Paço da Alcaçova, que vem nos Opusculos de Alexandre Herculano. Se por fóra, todo de cantaria, não tinha forma definida de architectura, por ter sido feito aos poucos em diversas épocas, era por dentro mais commodo que vistoso. Abundavam os aposentos forrados de bellos razes de Flandres e Ihama de oiro, e havia sobretudo notavel uma grande sala que ficava por cima das camaras de El-Rei, e que media 48 passos de comprido e 18 de largo, com um tecto pintado de brutescos e toda forrada de muito ricos panos. D'um vasto terrado em volta se descobria a mais encantadora vista, tanto de mar como de terra. A descripção especialisa que a copa do Paço era assaz copiosa de peças de oiro e prata, "mas não tanto como a do Duque de Bragança" accrescenta.

Poucos annos depois, di-lo o Padre Duarte de San-

Amalino

de em 1584, o Paço da Alcaçova não cederia em magnificencia a nenhum dos outros, antes se avantajava a todos em antiguidade, extensa vista do Tejo, e das terras d'além.

No tempo de Philippe II gastava-se annualmente na fabrica d'este Paço 100\$000 réis.

Até 1755 soube o Paço da Alcaçova conservar-se inteiro, atravez das vicissitudes que ao longo dos seculos atravessou. Crê-se porém que depois d'El-Rei D.Sebastião nenhuma pessoa real voltou a habitar aquella residencia, consagrada provavelmente a servidores da casa, e a repartições publicas como a Torre do Tombo, a Alcaidaria-mór, o thesouro das tapeçarias, etc.

O terremoto é que fez de tudo aquillo um cahos, peor para os archeologos do que as ruinas de Memphis ou Palmyra.

Quem leu o Monge de Cister de certo se recorda das pinturas que nos deixou Alexandre Herculano, tão vigorosas e vivazes, do Paço de a-par S.Martinho.

Herculano, dotado de excepcionaes faculdades imaginativas, auxiliadas de saber massiço e fundo, viu, pôde-se dizer que viu, a quatro seculos e meio de distancia, o Paço de D.João I. Muita vez em meia linha, numa palavra, num epitheto está um serão de cabouqueiro entre montanhas de alfarrabios.

Sem descrever, senão conjecturalmente, a magnifica estancia real, pinta-a com uma verdade que nos repassa, com as suas escadarias soturnas, as suas vidraças coloridas, o gynecceu das damas de honor, a sua mobilia embrincada e rendilhada como portaes de cathedral, a sua etiqueta ingleza, e a sua portuguezissima hospitalidade. Graças ao romancista penetramos no estudo do Rei, com João das Regras e Mem Bugalho; no dormitorio das camareiras, com Cypriana e Briolanja; e entre-ouvimos o ti-

Muller Supo

nir das béstas dos somnolentos bésteiros da guarda no lagedo da entrada, os concertados modilhos das charamelas e tiorbas dos momos no salão grande das festas, e até os clarins longinquos dos batedores a anunciar a cavalgada da Rainha que volve ao Paço.

Além d'esses primorosos esboços á penna, não possuímos outros authenticos do historico Paço de a-par S.Martinho.

Quer-nos porém parecer que talvez a vista de Lisboa por Simão Beninc, tantas vezes citada no livro do Snr. Fonseca Benevides — "Memorias das Rainhas", nos conservou um approximado desenho de uma parte do Paço para a banda do mar, á direita do quadro, ao oriente da Sé. Referimo-nos ao terreão senhoril, que lá vemos coroadado de elevadissimo corucheu sobrepujado de grimpa com bandeira, e cujo ar apalaçado está a denunciar residencia de magnate.

Grande lastima será sempre que não ficassem desenhos ou planos, ou descripções miudas, de tão nobre casa. Apenas sabemos que se erguia onde é hoje o Limoeiro, e continuava um pouco pelo começo da rua que sóbe para S.Thiago e Santa Luzia. Quando em 1843 se escrevia o Monge de Cister, diz o auctor que ainda então restavam do Paço "umas hombreiras de pedra canelada e volta ogival... no muro que segue para o nascente da cadeia do Limoeiro".

Sabe-se mais ainda que do Paço saia um arco, ou passadiço, para o fronteiro templo de S.Martinho; passadiço que foi arrasado, mas de que existe vestigio irrecusavel no nome da rua que vem de Santo Antonio da Sé, Rua do Arco do Limoeiro.

Colhem-se em Fernão Lopes umas tres ou quatro noticiasinhas altamente preciosas ácerca d'este Paço. Por exemplo, ficamos sabendo que dava sobre a rua uma grande ja-

nella, á qual assomou o Mestre d'Aviz para ser visto do povo. Havia mais um espaçoso eirado, mas não consta se da banda da rua, se para o lado do mar. D'esse eirado entrava-se para um salão muito vasto com janellas, junto a uma das quaes foi assassinado cobardemente o Conde Andeiro. Emfim, do salão passava-se logo para uma camara da Rainha, onde ella tinha estrado, e onde se achava com suas damas quando se deu aquella torpe tragedia.

Com as tintas de Fernão Lopes, pintou o Snr. Visconde de Castilho na Lisboa Antiga esse estranho quadro historico, que tão bem irá aqui reproduzido.

Do trabalho "Lisboa Illustrada", de Alfredo Mesquita, mandei copiar e revi estas notas, na cidade de São Paulo, aos 29 de Junho de 1929, dia de São Pedro.

Celsoy. deus illi suppo.